VILA NOVA DE FAMALICÃO
(Antas)

A igreja de São Tiago de Antas está situada na freguesia homónima, concelho de Famalicão (distrito de Braga) do qual dista *circa* de 3 km. Saindo de Famalicão siga em direção à Alameda Caminhos de Santiago. Na rotunda, tome a primeira saída para Av. Humberto Delgado/N14/N204. Cerca de 1 km depois encontra a igreja.

Implantada em ponto alto, sobranceiro a uma extensa veiga da bacia hidrográfica do Ave, a igreja São Tiago de Antas constitui um dos exemplares que testemunham ser justamente a bacia do Ave a área com maior densidade de paróquias, igrejas e mosteiros nos tempos imediatamente anteriores à formação de Portugal. Muito embora a igreja que se conserva corresponda a tempos posteriores, a paróquia de São Tiago de Antas está documentada desde o último terço do século XI, como testemunha o *Censual de Entre Lima e Ave* [1085-1091], arrolamento promovido pelo bispo D. Pedro no âmbito da organização da Diocese de Braga. A igreja *De Sancto Jacobi de Antas* estava então inserida na Terra de Vermoim. Neste arrolamento conta-se um considerável número de igrejas e mosteiros situados no atual concelho de Vila Nova de Famalicão, o que permite entrever a densidade paroquial deste território no século XI.

Muito embora a referência documental mais antiga à paróquia de Antas remonte a 1085-1091, a *Villa Froilam*, hoje lugar de Fraião da freguesia de São Tiago de Antas, como esclareceu Avelino Jesus da Costa, consta do inventário dos bens do mosteiro de Santa Maria de Guimarães (fundado pela condessa Mumadona Dias *circa* de 950), realizado em 1059, por ordem dos reis de Castela e Leão, Fernando I e Dona Sancha. Segundo Luís Amaral o mosteiro de Guimarães "cedo se converteu no mais rico e influente de todo o Entre-Douro-e-Minho", enquadrando-se a sua fundação no processo geral de colonização largamente controlado pela nobreza. "O mosteiro foi a primeira instituição eclesiástica do Entre-Douro-e-Minho a exercer uma verdadeira jurisdição senhorial sobre parte dos seus domínios, à imagem do que deveria acontecer com os próprios condes portucalenses", Mumadona Dias e Hermenegildo Gonçalves.

Nas Inquirições Gerais de 1220, ordenadas por D. Afonso II, a freguesia, de cuja igreja o rei não tinha o direito de padroado, era detentora de dezoito casais e searas o que corresponde à totalidade dos casais da freguesia de natureza eclesiástica. A São Tiago de Antas pertenciam ainda casais na paróquia vizinha de *Sancto Juliano de Coostoios*, posteriormente designada de São Julião de Calendário, como concluiu Avelino Jesus da Costa. A riqueza fundiária da paróquia de Antas mantém-se nos tempos sequentes como revelam as Inquirições de 1258 e de 1288.

Igreja de São Tiago

A IGREJA É CONSTRUÍDA em granito e aparelho pseudo-isódomo. É composta por nave e cabeceira retangulares, sendo a cabeceira mais baixa e estreita do que a nave. Ambas as parcelas são cobertas por tetos de madeira, a tipologia mais comum nas igrejas românicas do Entre-Douro-e-Minho.

Adossada ao muro sul da fachada principal e criando um volume saliente no sentido ocidental, ergue-se uma torre sineira que deverá datar do final do século XIX ou do início do século XX. Em gravura publicada em 1887 a igreja não apresentava a torre, datando de 1929 a mais antiga fotografia que testemunha a sua existência. Nesta construção ameada pretendeu-se claramente mimetizar a medievalidade do conjunto construtivo.

O alçado oriental da cabeceira, assente em embasamento de uma fiada de silhares ligeiramente mais profundo que a restante superfície muraria, é composto por um vão de iluminação de secção quadrangular. No vértice, formado pelas duas águas do telhado, pontua uma cruz e nos extremos laterais foram colocados dois pináculos. Este

conjunto de elementos data de uma intervenção da época moderna que terá aumentado o comprimento da cabeceira. Os alçados norte e sul são coroados por cornija assente em cachorros. No muro norte abrem-se dois vãos datáveis da época moderna. Os cachorros apresentam diversas soluções decorativas. Entre exemplares totalmente lisos pontuam outros com motivos fitomórficos, um com uma cabeça de animal que aparenta engolir um personagem humano e um outro com duas pipas esculpidas. O alçado sul, parcialmente encoberto por dois volumes anexos, apresenta características semelhantes ao alçado norte.

O alçado norte da nave é composto por um portal e estreitas frestas, sendo coroado por cornija assente sobre cachorros, a maioria dos quais se apresenta sem qualquer elemento escultórico, diferenciando-se um exemplar onde foi esculpida uma pipa. O portal, de arco quebrado não apresenta colunas. Conserva um tímpano liso assente em duas pequenas mísulas.

No alçado sul, a maior parte dos cachorros não apresenta qualquer decoração excetuando-se um exemplar que figura um personagem humano em pé com os braços caídos e as mãos cruzadas uma sobre a outra. Duas estreitas frestas e um vão mais largo que permite o acesso ao coro-alto, situam-se acima de três mísulas que devem ter pertencido ao apoio do telhado de um alpendre. O portal apresenta um alçado mais complexo do que equivalente portal norte. O seu perfil é de arco ligeiramente quebrado, sendo composto por duas arquivoltas que assentam em colunas. A arquivolta interna é isenta de escultura. Na segunda arquivolta as aduelas apresentam um motivo vegetalista de folhas pontiagudas no extradorso e um motivo de laçaria geometrizada no intradorso. O lintel é sustentado por duas mísulas. As bases das colunas assentam sobre plintos que mostram motivos esculpidos. Muito embora o desgaste das peças não permita uma identificação rigorosa, cremos que nos plintos do lado esquerdo pontuam uma serpente e uma cabeça de animal, enquanto os plintos do lado direito se apresentam lisos. Aparentando uma datação tardia, tanto pela forma do cesto como pela adaptação da escultura às peças, entre os quatro capitéis do portal dois são vegetalistas e nos outros dois figuram personagens humanos. Um deles, à esquerda, segura um livro, enquanto o outro, à direita, segura um báculo com a mão esquerda e ergue a mão direita apontando dois dedos para cima.

A fachada ocidental é composta por um portal inserido na espessura do muro, seguido de um friso, cuja



Perspetiva geral da igreja a partir de noroeste



Alçados este e norte

moldura é semelhante à de uma cornija, e de uma rosácea. Uma empena de duas águas, no vértice da qual consta uma cruz, que deverá ser da época moderna coroa esta fachada. Abaixo do friso a largura da fachada recebe um aumento através de fiadas escalonadas. O portal, cujo perfil é em arco quebrado, é composto por três arquivoltas e um arco envolvente. Apesar da ausência de motivos escultóricos, as arquivoltas apresentam uma modinatura de toro/escócia que enriquece o seu aparato. As quatro colunas que ladeiam cada um dos lados do portal apresentam capitéis vegetalistas. O cesto dos capitéis, muito estreito, é praticamente uma sequência dos fustes. Duas mísulas sustentam o tímpano totalmente liso. A pequena rosácea com três círculos de modinatura em toro/escócia, é ainda composta por uma grelhagem pétrea polilobada.

Interiormente, a cabeceira é composta por um arco triunfal de perfil ultrapassado. O arco interior liso e a arquivolta, de modinatura em toro/escócia, assentam em espessas colunas cujos capitéis apresentam uma acentuada volumetria. Os capitéis apresentam escultura de aves e quadrúpedes, que se afrontam na aresta, muito relevados e de grande qualidade técnica, em soluções que recordam a escultura românica de Coimbra, segundo C. A. Ferreira de Almeida.

Nesta cabeceira é particularmente notória a diferença entre o tipo de granito empregue nos muros e o que é utilizado em capitéis e molduras. Sendo habitual, no românico português do Entre-Douro-e-Minho, a utilização de granito de grão médio ou grosso nas superfícies murárias, e de granito de grão fino nos portais e elementos esculpidos, no caso desta igreja essa distinção é mais acentuada. C. A. Ferreira de Almeida considera notável a diferença da qualidade entre o granito utilizado para a escultura, em grão fino e branco, e o que se emprega no aparelho dos muros, em dente de cavalo e grosseiro.

Os alçados norte e sul do interior da cabeceira estão cobertos de azulejos do século XVII. Da mesma altura datam os vãos de iluminação. A parede testeira está inteiramente coberta por um retábulo da época moderna, correspondendo à campanha de alteração da cabeceira, quando também se armou o teto em caixotões pintados. Na nave conservam-se os muros da construção românica.

Em 2016, no âmbito da requalificação da envolvente da igreja, foram efetuadas escavações arqueológicas que puseram a descoberto uma necrópole, tendo sido identificados sessenta enterramentos. A tipologia dos enterramentos e dos artefactos encontrados permitiu concluir da existência de três fases de ocupação: a primeira do século XII, a segunda dos séculos XIV a XVI e a terceira, datável entre séculos XVIII e XIX.

Da descrição desta igreja poder-se-á inferir que cabeceira deverá ser a parcela mais antiga uma vez que é composta, no interior, por colunas baixas e capitéis de acentuada dimensão relativamente ao pé-direito do seu alçado. Apesar das claras diferenças nas molduras do arco triunfal e na escultura dos capitéis, a cabeceira de São Tiago de



Cachorros

Antas não deixa de recordar a cabeceira da igreja de São Cristóvão de Rio Mau (Vila do Conde), datada por epígrafe de 1151. É sobretudo na relação das proporções – altura das colunas e dimensão dos capitéis e bases, relativamente ao pé-direito do arco triunfal – e na distribuição dos capitéis no alçado do referido arco, que encontramos algumas semelhanças, embora o arco triunfal de Rio Mau tenha, indubitavelmente, uma aparência mais arcaica.

As caraterísticas da cabeceira de São Tiago de Antas sugerem pois uma datação dos meados ou da segunda parte do século XII, embora o seu aumento para oriente, realizado na época moderna como já foi referido, tenha alterado a parede testeira não permitindo conhecer o tipo de fresta original. Esta obra, no contexto da qual foram abertos vãos de iluminação de secção retangular, pode ter introduzido alterações na distribuição e proveniência dos cachorros, que parecem menos antigos do que os elementos esculpidos no interior da cabeceira e que não revelam a mesma qualidade. A conjugação destes fatores dificulta a aferição da cronologia desta parcela, já que os alçados das frestas e a tipologia de cachorros e cornijas são elementos fundamentais para a datação de qualquer obra românica.

O portal sul da igreja é resultado de uma fase construtiva posterior à da cabeceira. A escultura é muito diversa tanto na qualidade técnica como nos motivos empregues, quando comparada com a do interior da ábside.

Certamente que o escultor, ou oficina, não tinha grande habilidade com é notório tanto na forma dos cestos como na figuração aí esculpida. As semelhanças entre este portal e o portal sul da igreja de Rio Mau parecem evidentes. A datação de ambos andará pelos finais do século XII ou inícios do século XIII. Em Rio Mau também existe uma diferença considerável entre a cabeceira e a nave, tanto ao nível da qualidade da escultura, como na utilização de diferentes tipos de granito como ainda na cronologia das duas parcelas, a primeira claramente dos meados do século XII, como já referimos, e a segunda já do início do século XIII.

O portal principal de São Tiago de Antas, como aliás toda a fachada ocidental, apresenta um alçado próprio da época gótica, cronologia indiciada pela modinatura das impostas e dos capitéis. Como já foi referido, os capitéis apresentam decoração vegetalista e cesto muito estreito e alto, assaz diverso da forma trapezoidal mais utilizada na época românica. Nos muros norte e sul da nave, os cachorros que seguram a cornija são quase todos lisos, caraterística que habitualmente indicia uma construção posterior ao século XII.

Apesar da difícil descodificação da escultura românica portuguesa, é de sugerir que a presença de um bispo com báculo e de um oficiante que segura um livro aberto, no portal sul de São Tiago de Antas, pode *significar* uma cerimónia de dedicação e/ou sagração do templo. Como é sabido, este cerimonial é, por vezes, registado no texto de uma epígrafe, como exemplifica a inscrição do tímpano do portal sul de São Romão de Arões (Fafe) datada de 1237, inscrição comemorativa da dedicação da igreja pelo Arcebispo de Braga D. Silvestre Godinho.

A igreja de São Tiago de Antas é pois um rico testemunho da longa duração, da alteração de um plano inicial e da constante mutação de que pode ser alvo uma construção medieval. Entre a cabeceira, provavelmente dos meados do século XII, e a fachada, já dos meados do século XIII, há uma longa distância temporal e uma considerável diferença na solução tanto dos alçados como na forma de esculpir. Contudo, esta diferença de programa pode dever-se a outros fatores já que é possível que uma fachada românica mais antiga tenha sido substituída pela atual. Sabemos muito pouco sobre a construção medieval, a organização dos estaleiros e as causas da interrupção/alteração dos programas. A abordagem desta arquitetura reclama uma visão mais elástica e dinâmica dos seus ritmos construtivos.

Portal oeste. Pormenor





Portal sul. Pormenor



Interior. Vista geral a partir do lado ocidental





Interior. Capitéis do arco triunfal

O tema da cultura arquitectónica na época românica não tem sido alvo de estudo na historiografia portuguesa, mais atenta à questão dos focos regionais e dialectais do românico e ao cruzamento de modelos oriundos, ora de regiões francesas ora dos reinos hispânicos, ora ainda das Ilhas Britânicas. Sendo certo que no românico português é clara a importação de modelos, como bem exemplificam a arquitetura românica de Coimbra, precoce receptora das novidades vindas de França e a igreja de São Pedro de Rates (Póvoa do Varzim) onde se encontram motivos escultóricos oriundos da Borgonha, é de realçar que as influências forâneas são muito difusas, de multiplicadas direções e geralmente ténues, como escreveu C. A. Ferreira de Almeida. Para este fenómeno contribuíram, sem dúvida, a multiplicação das oficinas, a morosidade na conclusão das obras e o facto de os detalhes da construção se irem resolvendo paulatinamente, à medida que as obras iam decorrendo, num diálogo entre arquitetos, artífices, promotor e tradição. Este panorama tem trazido muitas dificuldades ao estudo das transferências artísticas. Numa mesma igreja encontramos modelos presentes em construções tão diversas e distantes no tempo e no espaço, que tornam muito pouco operativo o método de comparação e, sobretudo, de filiação estilística e formal. Neste sentido será mais profícuo abordar a cultura arquitectónica do tempo, na sua persistência e na sua inovação, entendendo que uma construção românica nem sempre, ou raras vezes, corresponde a um único projeto inicial e fechado. A pequena escala do românico português, excetuando certamente as sés de Coimbra, Porto ou Lisboa ou o mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, obras para as quais o financiamento régio muito contribuiu, as vicissitudes das comunidades monásticas e paroquiais, a necessidade de adaptação a novas soluções e, sobretudo, a plasticidade da conjugação de dois volumes retangulares (cabeceira e nave) que tipificam a maioria das igrejas românicas do Entre-Douro-e-Minho, resultaram em construções cujas parcelas podem corresponder a épocas muito distintas.

Como foi inicialmente referido, a documentação comprova a existência de uma igreja em São Tiago de Antas no século XI. Ora, como é sabido, a construção medieval vai proguedindo sem que haja, inevitavelmente, uma primeira e total demolição do edifício pré-existente. A manutenção, ainda que parcial, desta pré-existência pode determinar o próprio ritmo construtivo de uma segunda igreja.

Texto: LCR - Fotos: JNG/CG/MLB

Bibliografia

ALMEIDA, C.A.F., 1986b, pp. 27 e 75-76; ALMEIDA, C.A.F., 2001, pp. 102 e 106; AMARAL, L.C., 2007, pp. 121 e 124; COSTA, A.J., 1959, II, pp. 42, 44 e 504; LMUMADONA, doc. n.º 45 (de 1059); PMH, DC, doc. n.º 420 (de 1059); PMH, INQ., pp. 66, 158, 203, 254 (de 1220) e p. 1458 (de 1258); PMH, INQ., 1288-91, pp. 584 e 711; ROSAS, L.M.C., 1995, II, pp. 309-310; VMH, doc. n.º 45 (de 1059).